

revista das ideias

La France, histoire d'un peuple—

André Ribard—E. S. J.—1938

Foi Feuerbach quem disse que «o homem primitivo, saído da natureza, não era senão um simples ser natural, não era um homem. O homem é o produto de si próprio, da cultura, da história». A extrema fecundidade desta visão passou despercebida ao próprio Feuerbach que não soube tirar dela as conseqüências implícitas: «As ciências naturais bem como a filosofia esqueceram a influência da actividade do homem sobre o seu pensamento. Não viram mais do que a natureza dum lado e o pensamento do outro. Mas são precisamente as modificações introduzidas na natureza pelos homens e não simplesmente a natureza como tal, que formam a base mais importante e essencial do pensamento humano. O desenvolvimento da inteligência do homem é proporcional ao grau em que ele aprendeu a transformar a natureza».

«A história do desenvolvimento social é sob um aspecto essencialmente diversa da natureza. Nesta, na medida em que abstraímos as reacções do homem sobre ela, existem apenas agentes inconscientes e cegos que se influenciam mutuamente e através de cuja acção reciproca se afirmam leis gerais. Tudo aquilo que acontece... não acontece como um fim conscientemente desejado. Por outro lado na história da sociedade os agentes activos são sempre dotados de consciência, são sempre os homens que se movem com pensamento e paixão para fins definidos. Nada acontece sem uma intenção consciente, sem uma finalidade desejada, mas esta diferença, por importante que seja para a investigação histórica, não altera o facto de o curso da história obedecer a leis gerais. Pois que aqui também, apesar dos fins conscientemente procurados por todos os indivíduos tomados isoladamente, o acaso parece reinar na aparência. Quasi sempre os numerosos fins desejados entram em conflito ou cruzam-se uns com os outros; ou então são *a priori* irrealizáveis; ou, ainda, os meios para os realizar são insuficientes. E' assim que dos conflitos de inumeráveis vontades e actos individuais nasce no mundo social uma situação que é análoga à que reina na natureza inconsciente. Os fins das acções são desejados mas os

resultados reais destas acções não o são ou se parecem de início corresponder ao fim desejado, acabam por dar um resultado diverso daquele que se quiz.»

Será, nestas circunstâncias, o encadeamento das acções humanas puramente arbitrário ou será antes determinado por uma série qualquer de factos? Não haverá entre os factos históricos qualquer correlação necessária ou existirá entre eles, pelo menos, uma determinação reciproca? Vejamos: «A concepção da natureza e das relações sociais que constitui a base da imaginação grega, e consequentemente da arte grega, é possível numa época de máquinas automáticas, de caminhos de ferro, de locomotivas, de telégrafo eléctrico? Que poderia fazer Vulcano contra Roberts e Cia; Jupiter contra o para-raios, e Hermes contra o Crédito mobiliário? Toda a mitologia domina e dispersa as forças da natureza na imaginação e pela imaginação; ela desaparecerá contudo logo que o homem adquira um controle real sobre as forças da natureza. Como aparecerá a deusa Fama em face do *Printing House Square*?... Ou, sob outro aspecto, é concebível Aquiles na época da pólvora e do chumbo? ou a *Iliada* ao lado dos jornais e das imprensas mecânicas?».

Resta-nos procurar a existência duma série de factos que explique e determine o encadeamento histórico. Logo de início devemos lembrar-nos de que todos os homens a que porventura fosse perguntada a razão das suas atitudes nos responderiam com motivos de ordem ideológica. Sem maior análise dos factos seríamos colocados perante este dualismo: ou acreditávamos na resposta e aceitávamos portanto a razão humana como determinante da história, podendo chegar por este caminho a ver nesta uma simples encarnação do «progresso do espirito humano»; ou não acreditávamos na resposta e escolhíamos para determinantes da história ou um fatalismo directamente transcendental ou um fatalismo mecânico que conduziria por sua vez ao transcendentalismo. Na primeira hipótese teríamos uma explicação que não nos explicava nada, uma explicação para cada indivíduo, uma interpretação subjectiva às

ordens das subtilidades críticas de cada um. Cada individuo relativamente inteligente poderia dar-se ao luxo de fazer uma história para seu uso pessoal e para adorno das suas qualidades de inteligência. Na segunda hipótese teríamos um fatalismo transcendental e um fatalismo mecânico, qualquer deles impotente para nos servir de guia para uma conducta histórica e vivendo como explicações inúteis da história, explicações puramente parasitárias. Todo o fatalismo tem este vício profundo: leva-nos à crença de que a história se faz automaticamente e de que portanto os acontecimentos históricos são independentes da nossa vontade, dos nossos esforços, nos caem dum céu teológico ou dum céu mecânico aos trombulhões. Todo o fatalismo tem por base a inércia dos homens e é um convite à nossa inércia perante os factos, por isso ele é uma explicação reaccionária, conservadora. Ele diz a cada um de nós: a história não depende de ti—e não faltará quem conclua que nessas circunstâncias o tipo do *sage* é o indolente, o indiferente ou o covarde. Por outro lado a redução mecânica da história contradiz toda a evolução, a própria noção de história. Ela funda-se na identificação de factos que são diversos, que representam épocas diversas, que têm significações e funções reais diferentes: as lutas de classe em Roma são diferentes das lutas de classe na Grécia, na Palestina, no Egipto, na Suméria, no mundo moderno. Na história absolutamente nada se repete; o mecanicismo cai no mesmo erro do idealismo ao esquecer que o movimento helicoidal da história repele todas as leis mecânicas ou todos os imperativos racionais. Só a dialéctica pode interpretar e dar sentido ao movimento helicoidal da história.

Mas qual é em última análise a série de factos que determina a marcha da história? «Os homens fazem, eles próprios, a sua história mas até agora não com uma vontade colectiva, segundo um plano de conjunto. Os seus esforços contradizem-se e é esta precisamente a razão por que reina, em todas as sociedades até agora, a *necessidade* completada e exprimida pelo *acaso*. Mas a *necessidade* que se

impõe pelo acaso é por sua vez, e no fim de contas, a *necessidade económica*. Quanto mais o domínio que nós estudamos se afasta do económico e se aproxima da pura ideologia abstrata, mais nós constatamos que o seu desenvolvimento se mistura com o acaso e mais a sua curva se desenrola em zig-zags. Mas se traçarmos o eixo médio da curva verificaremos que quanto mais longo é o período considerado mais este eixo se aproxima da paralela do eixo do desenvolvimento económico».

As relações económicas são portanto aquilo que determina definitivamente a marcha da história. E' óbvio que as atitudes e a vida de cada homem são dependentes das suas relações com as vidas dos outros homens. O lápis que compramos, os sapatos que calçamos, o vestuário usado, a educação que recebemos, os livros que adquirimos, o tempo disponível que temos para meditar, escrever ou conversar—tudo implica certas relações sociais de produção económica entre os homens. A vida de cada homem é cada vez mais dependente da vida dos outros homens.

Mas por sua vez os indivíduos podem transformar as próprias relações económicas que os determinam. Para isso é necessário que elas próprias lhe forneçam com as possibilidades materiais de o fazerem, as possibilidades ideológicas e políticas imediatas. Mas para que o homem actue segundo a sua necessidade é indispensável que a esta corresponda a sua vontade. Se por esta última circunstância se evita o mecanismo ainda se evita também por não apriornar a história em fórmulas rígidas fazendo depender a concretização deste método como sociologia da sua aplicação particular em cada conjunto de realidades históricas.

Eis em traços gerais os princípios do *diamat* quanto à história. O livro de Ribard é uma lúcida verificação destes princípios na história do povo «qui en vingt siècles a fait la France». Por isso o livro de Ribard é antes de tudo um ensaio de técnica, táctica e estratégia de transformação histórica.

Jofre Amaral Nogueira